

Centro Universitário São Camilo

Curso Psicopedagogia

Carta à Professora

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário São Camilo como parte dos
requisitos para a conclusão da disciplina
de Matemática na Psicopedagogia

Orientadora: Anita Lilian Zuppo Abed

Aluna: Regina C Maida Costa

SÃO PAULO
2.022

Cara professora,

É um prazer imenso escrever minhas reflexões sobre a disciplina da matemática, pois na minha prática profissional é essa disciplina que mais me dá prazer em ensinar. Fazer as crianças refletirem sobre as atividades propostas, vê-las construindo os conceitos e demonstrando envolvimento ao realizarem as atividades dessa disciplina é maravilhoso. Acho que, como eu vejo e vivencio todo esse movimento das crianças e vejo o brilho nos olhinhos delas quando acertam os exercícios, me faz ter a preferência pela matemática.

Confesso que esse mesmo prazer e envolvimento que vejo nas crianças foi o meu envolvimento durante as suas aulas.

Alguns procedimentos, técnicas e passo a passo que a senhora demonstrou em aula eu já venho praticando em sala, como é o caso das interpretações dos problemas usando perguntas orais e observando qual é a pergunta do problema. E realizar os exercícios das técnicas operatórias com o foco em exercitar para que, ao realizarem os problemas, não tenham dificuldades com a técnica. Só que eu praticava sem fundamentação. Sem saber se isso era mesmo o certo. Passei a ensinar dessa forma depois de muitos anos observando e refletindo sobre as dificuldades dos alunos quando eu via nos olhinhos deles um pontinho de interrogação ao explicar. Nós temos até um “mantra” musicalizado ao fazermos as contas “unidade em baixo, mais dezena no vizinho” e eles adoram fazer. Mas, hoje, além de saber o porquê que se deve trabalhar dessa forma, eu fico mais tranquila em saber que estou no caminho certo.

Como a senhora disse, a matemática muitas vezes envolve um pensamento complexo e cabe a nós, educadoras, em primeira instância, procurar ensinar da melhor forma possível para contemplar todos os alunos.

Esse é o grande desafio, conseguir alcançar todos os alunos. Me atrevo a dizer que é até presunção da minha parte querer alcançar a todos, um sonho que todo ano corro atrás. Sonho de um lado e angústia do outro.

Teve uma frase que eu até anotei. Uma frase com que a senhora abriu a disciplina que resume, arrisco-me a dizer, toda a prática exercida por qualquer profissional: “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”, ou seja, só é possível pensar, planejar e trabalhar de forma mais assertiva quando sabemos o que estamos realmente fazendo e, para isso, é necessário a busca pelo conhecimento.

Cada módulo realizado do curso de psicopedagogia, a cada aula assistida, mais eu tenho a certeza de que não errei nem no curso escolhido e nem na instituição. E as aulas de matemática, além de me proporcionar a segurança de que eu precisava em relação à minha ensinagem, me embasou com o conhecimento teórico.

Até iniciar esse módulo, eu ficava inconformada quando depois de explicar 1, 2, 3 ... 5 ... 10 ... 20.... vezes a mesma coisa, percebia que mesmo assim algumas crianças não haviam conseguido entender o conteúdo. Mas por que isso acontecia? Onde eu estava errando? Por que o sujeito não conseguia entender que para escrever 15 é só colocar o número 1 e o 5 e não registrar 105? Como fazer a criança entender?

Foi com a senhora que muitas das minhas dúvidas e anseios começaram a clarear. A senhora apresentou o pensamento lógico-matemático, aí eu entendi como e a necessidade de se desenvolver esse pensamento. E que isso não é tão simples assim.

Para adquirirmos o pensamento lógico é necessário, além dos processos naturais, biológicos, ter as vivências concretas durante o desenvolvimento infantil, pois o pensamento lógico-matemático está na mente e é ela quem estabelece as relações entre as vivências do físico, do concreto, com os símbolos que são inventados para representar as vivências.

Na faculdade eu estudei Piaget, mas nunca consegui fazer a ligação com a prática. Os níveis de desenvolvimento citados por ele e as provas piagetianas que vimos no curso, pra mim eram questões muito distantes da minha prática. Agora eu consigo ver lógica na teoria de Piaget. Consegui compreender a teoria piagetiana e a senhora provou que fazem sentido as provas desenvolvidas por ele. Para que a aprendizagem aconteça, é necessário que a criança esteja com a maturidade biológica adequada, caso contrário, ela terá dificuldades em aprender a matemática.

Até antes de começar a sua disciplina, prô, pra mim aprender os números era algo mecânico, mas hoje eu entendo que não, que o número enquanto função de quantidade é o resultado do pensamento lógico-matemático e, para isso, conforme Piaget, é necessário que a criança tenha a maturidade necessária e as vivências com o concreto. É MARAVILHOSA essa construção. É tão mágico quanto aprender a ler e a escrever. Não é à toa que hoje em dia se diz Alfabetização Matemática, e, é mesmo, uma alfabetização.

Então, por ser uma alfabetização tem que ter mesmo o desenvolvimento em cima das vivências, das experimentações, do concreto, do físico, como cita Piaget. Essas vivências somadas com a linguagem matemática, uma linguagem curta, que deve ser ensinada e transmitida dentro da cultura em que o sujeito está inserido, levam o ser humano a construir o pensamento matemático.

Entretanto, não somos somente um corpo com desenvolvimento biológico. Somos seres biopsicossociais, seres que têm a integração dos fatores biológicos, com o psicológico e o social e, por isso, a cognição e a emoção trabalham juntas, existindo, assim, um interacionismo entre eles para o desenvolvimento.

Foi curioso saber que existem vários tipos de pessoas e com maneiras diferentes de aprender, cujas preferências podem ser separados em dois eixos: racional e irracional (abordagem junguiana). Foi bom saber disso, aliás bom não, foi

importantíssimo saber disso. Eu sabia que existem pessoas auditivas, visuais e cinestésicas, mas nunca imaginei que há pessoas que aprendem melhor pela percepção, outras pela intuição, outras pelo sentimento e outras pelo pensamento.

É por isso, então, que a senhora disse que quanto mais multissensorial for a prática da ensinagem mais haverá uma aprendizagem significativa, em que o conteúdo terá maior possibilidade de ir para a memória de longo prazo e ficar disponível para acesso quando o sujeito tiver necessidades em usá-la. E faz sentido.

Sabendo disso, eu passei a ter um olhar mais completo e procuro abordar os conteúdos das mais diversas formas para contemplar todos os tipos de aprendizagem, como por exemplo, usar desenhos para os perceptivos, o imaginário e lúdico para os intuitivos e sentimentos e a sistematização para os que trabalham mais com o pensamento.

O módulo estudado, como um todo, fez muito sentido pra mim. Fez toda a diferença saber que há situações na disciplina de matemática que devem ser automatizadas para liberar espaços para outras aprendizagens, como as técnicas operatórias, situações de construção, como os conceitos, e situações de memorização, como a tabuada e a sequência numérica. Essas questões são saberes facilitadores para desenvolver o trabalho na disciplina de matemática.

Ah, prô, preciso confessar que a senhora me convenceu que usar jogos não só na matemática mas em toda a prática, tanto em sala de aula como em um atendimento clínico, é tudo de bom. É um recurso que consegue envolver qualquer ser humano de forma prazerosa, potencializa a aprendizagem das habilidades intelectuais, cria vínculos e proporciona a assimilação do real.

Bom, é isso, prô. Essas são as minhas reflexões sobre as nossas aulas. Foi tão prazeroso que passaram extremamente rápidas as nossas oito aulas.

Gratidão por tanto empenho e carinho transmitido nas aulas.

Regina